

ARTE E ENSINO: lições da Mulher Maravilha

ART AND TEACHING: Wonder Woman lessons

Ana Emília Ferraz Brito de Oliveira¹ - UESB
Renato Pereira de Figueiredo² - UESB

RESUMO

Este artigo objetiva o estudo sobre a arte no ensino, a partir da teoria do pensamento complexo de Edgar Morin, e a compreensão da relevância do pensamento simbólico, em Claud Lévi-Strauss. A aproximação entre as ideias dos autores pressupõe a reflexividade sobre a abertura filosófica dos educadores para o alargamento das ideias e as iniciativas afetivas no ensino. O trabalho visa à composição de estratégias didáticas mais criativas como possibilidade para aprendizagem dos fenômenos por sua complexidade. Analisamos o mito da Mulher Maravilha em sua profundidade, narrado nas dinâmicas histórias em quadrinhos; o seu potencial simbólico, que pode despertar o ensino para a criatividade; e a condição humana. Tanto o método complexo quanto a ciência do sensível aparecem como estratégia de investigação, de forma recursiva, isto é, possibilita a aproximação e reaproximação dos sujeitos e suas ideias para compreendê-las nas dimensões abrangentes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Pensamento complexo; Mulher Maravilha.

ABSTRACT

This study analyzes art in the teaching process through the complexity theory of Edgar Morin and the symbolic thinking idea by Claud Lévi-Strauss. Both notions propose reflexiveness in the educators' philosophical views to broad ideas and initiatives in the teaching process. This study focuses on the development of more creative teaching strategies as a tool for learning of complex phenomena. We thoroughly analyzed the tales of Wonder Woman through comics books; their symbolic potential to awaken creative teaching; and human condition. Both complexity theory and science of sensibility are used as grounding for the investigation in a recursive manner, that means allowing for the approximation and reaproximation of the subjects and their ideas to understand them in wider dimensions.

KEYWORDS: Teaching; Complexity theory; Wonder Woman.

DOI: 10.21920/recei720217242436
<http://dx.doi.org/10.21920/recei720217242436>

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Nível de Mestrado Acadêmico em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: anaemiliafb@yahoo.com.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4025-996>.

²Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Pesquisador permanente no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professor Pleno do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: renato.figueiredo@uesb.edu.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6682-4892>.

INTRODUÇÃO

Segundo Edgar Morin (2005), intelectual transdisciplinar francês e pesquisador incansável, todo sujeito dispõe de duas linguagens, que podem ser justapostas, separadas, opostas, sendo que cada uma delas constitui um mesmo estado de pensamento. O primeiro é o estado prosaico, que nos orienta a raciocinar e cobre uma grande parte da nossa vida; o segundo é o estado poético, dos sonhos, das mitificações, da subjetividade. Então, poesia-prosa é o tecido fundamental da vida humana.

Inicialmente, é preciso perceber que, qualquer que seja a cultura, o ser humano possui duas linguagens a partir de sua língua: uma racional, empírica, prática, técnica, outra simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apoia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse elo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade e a subjetividade [...]. (MORIN, 2005, p. 35).

Convivemos com essa dupla polaridade, dois modos de pensar complementares que foram dissociados culturalmente. Para o autor, acentuou-se, de um modo geral, à escolha de um único pensamento considerado válido, o pensamento prosaico em detrimento do poético. Acreditou-se que o abandono do pensamento primário, simbólico, dos mitos, da poesia e do romance fosse necessário para alcançar padrões da inteligência lógica atrelados à ideia de progresso e evolução social.

Dessa forma, como aponta o autor, os sujeitos tentam, inutilmente, separar-se dos seus mitos, esforçam-se para substituir um pensamento a outro, embora mal compreendam que o conhecimento se nutre de uma fonte original que é precisamente mitológica. Ademais, a vida humana não corresponde apenas às necessidades utilitárias e técnicas, mas pressupõe igualmente a vivência afetiva e imaginária, já que inteligência e afetividade são correlacionadas.

De fato, precisamos acolher nossos processos de mitificações, as iniciativas fantásticas e criativas da mente. Temos comumente hesitado em revelar os aspectos poéticos da mente, apagado nosso fogo fecundo, impedindo as transformações profundas e a liberdade do pensamento. Apesar de estarmos acostumados com o raciocínio meramente quantitativo, que por vezes, parece-nos pleno de sentidos, é preciso que estejamos atentos para as raízes da sabedoria que brotam das profundezas do pensamento.

De modo similar, para Claud Lévi-Strauss (2008), antropólogo belga e pai do estruturalismo, tudo o que fazemos e o modo como estruturamos os ambientes. Toda a audácia, a riqueza e nossas invenções estéticas são produtos da atividade inconsciente que desponta conscientemente. As imagens, os mitos, os ritos aparecem como expressões primeiras dos nossos ancestrais e revela a gênese profunda do conhecimento humano. Para o autor, somos testemunhas de uma sociedade na sua complexa representação humana por meio dos símbolos, das narrativas, personagens e heróis, fluindo com seus múltiplos sentidos e conotações.

Lévi-Strauss aponta os mitos como a linguagem sensível e afetiva que se encontra presente na subjetividade dos sujeitos, despontando na função de simbolizar, nas potencialidades latentes, na linguagem original e no pensamento totalizante. Em seu livro “O pensamento selvagem” (2008) concebe a reflexão mítica como uma linguagem sofisticadamente elaborada com inclinação para além da linguagem, além da percepção, enfim, uma metalinguagem.

A linguagem e a metalinguagem, de cuja união nascem os contos e os mitos, podem possuir certos níveis em comum; estes níveis, entretanto, estão em planos diferentes. Mesmo permanecendo termos do discurso, as palavras do mito funcionam aí como feixes de elementos diferenciais. Do ponto de vista da classificação, estes mitemas se situam, não sobre o plano do vocabulário, mas sobre o dos fonemas; com a diferença de não operarem sobre o mesmo *continuum* (recursos da experiência sensível, num caso, do aparelho fonador, no outro); com a diferença também que o *continuum* é decomposto e recomposto segundo regras binárias ou ternárias de oposição e de correlação [...] O pensamento selvagem é totalizante; de fato, ele pretende ir muito mais longe nesse sentido do que Sartre o faculta à razão dialética, pois, num extremo, esta deixa escapar a pura serialidade (cuja integração acabamos de ver alcançada pelos sistemas classificatórios) e, no outro, ela exclui o esquematismo no qual esses mesmos sistemas encontram seu coroamento. Pensamos que, nessa intransigente recusa do pensamento selvagem para que nada de humano (e mesmo de vivo) possa lhe continuar estranho, a razão dialética descobre seu verdadeiro princípio. Mas nós fazemos dela uma idéia muito diferente daquela de Sartre. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 148 e 273).

O autor anuncia o potencial mítico pela ampliação além da linguagem, uma metalinguagem, porque faz o uso pleno da língua; porém, cresce em significação, num grau cada vez mais sofisticado e complexo. Por meio da linguagem, os mitos anunciam as mensagens entre os sujeitos falantes e transcende pelas possibilidades de compreensão, orientação e o discernimento empregando senso de direção e captação de sentidos no mundo.

Ele revela ainda que, do outro lado, encontra-se a dialética apontada por Sartre, ou a ciência lógica, que se utiliza da razão analítica: define, classifica e opõe pelo método regressivo-progressivo deixando escapar a importante função de relacionar e representar, bem como, as riquezas, a diversidade e os costumes dos povos. O autor aponta o pensamento totalizante como aquele em que o sujeito se presta a analisar os fatos para além do presente, relacionando aos seus antecedentes históricos ao longe no passado, depois trata de ressignificar esses eventos na sua superfície para integrá-los numa totalidade significante, isto é, compreender o mundo por suas relações por meio da condensação dos sentidos.

Conforme Lévi-Strauss, um mito é uma estrutura repleta de sistemas e arrumações combinadas e conflitantes que possui múltiplos significados, das relações entre os deuses, o do parentesco, a condição humana nas suas relações internas e externas para com a natureza e sociedades. Revela o caráter diverso dos mitos, incluindo a estética, o dinamismo e a plasticidade, sendo que uma peculiaridade que nos chama atenção é o aspecto da originalidade das mensagens circulantes. Talvez também inspirado nessas mesmas ideias de Lévi-Strauss (2008), Edgar Morin (2005) tem caracterizado o pensar mítico como um potencial imaginário criativo que orienta os sujeitos por meio da interação emotiva e curiosa com os ambientes, na busca de inferência de sentidos e da compreensão para a vida.

Observamos em ambos os autores citados o consenso quanto à natureza fundamental dos mitos para a vida dos sujeitos, bem como o caráter amplificado e transcendente subscrito nos mesmos. As articulações lógicas e significativas que explicam os processos imaginários, as ambiguidades dos fenômenos, as oscilações entre fraqueza e força, alegria e tristeza, bem e mal denotam o movimento simbólico da dinâmica relação entre concreto e o imaginário, objetivo e subjetivo que se afetam, aliam-se e se modificam, auxiliando na transformação dos sujeitos.

Uma ideia que nos move no trabalho é pensar numa necessária e breve aproximação entre Edgar Morin e Claud Lévi-Strauss, dois grandes pensadores de ideias intrigantes que

orientam para a abertura do pensamento dos sujeitos e dos próprios educadores para pensar na utilização da arte, da filosofia e no ensino para a vida. Trata-se de trazer discussões para a variedade de pensamentos e vincular os vários modos de perceber o mundo para uma compreensão mais alargada e a utilização plena dos sentidos.

Sobretudo, fazer a reflexão a partir do modelo deslocado³ condicionando à compreensão e percepção também encurtada da realidade e que, mais do que nunca, afetam os modos de fazer ciência, de ensinar e de viver dos sujeitos. Acreditamos ser necessário, portanto, pensar nas conexões entre o estatuto humano de Lévi-Strauss e a educação para a compreensão humana a partir do pensamento complexo de Edgar Morin.

Observamos no pensamento mítico citado por Claud Lévi-Strauss características que podem ser análogas ao pensamento complexo empregado por Edgar Morin. Percebemos que o mito é manifesto a partir de um conjunto de repertório de composição única, mesmo sendo extenso é também limitado; isso explica por que ele aparece simultaneamente nas suas relações abstratas e como objeto de contemplação estética. Para o autor, “a emoção estética provém dessa união instaurada no âmago de uma coisa criada pelo homem e, portanto, também virtualmente pelo espectador que lhe descobre a possibilidade, através da obra de arte, entre a ordem da estrutura e a ordem do fato.” (LÉVI-STARUSS, 2008, p. 41).

De modo semelhante, Edgar Morin nos propõe um estilo de pensar complexo que supõe inevitavelmente a aproximação das artes de uma maneira geral, como uma estratégia de pensamento para uma compreensão sensível da realidade. Contém também a reflexividade para fazer a abertura à filosofia, um pensamento que é capaz de metaforizar-se através dos objetos. Conforme o autor “a ideia de estratégia é indissociável da de arte. Arte e ciência excluíam-se mutuamente na paradigmologia clássica. A arte é hoje indispensável para a descoberta científica, e será cada vez mais indispensável para a ciência [...]” (MORIN, 2004, p. 32).

Portanto, pelo exposto, temos que, os mitos como expressão da arte de pensar inspiram a uma amplitude reflexiva, estratégias e iniciativas surgidas do próprio pensamento para a compreensão dos fenômenos pela sua totalidade. Eles descrevem as experiências subjetivas dos sujeitos e traduzem a intensa relação com seus objetos, projetos e aspirações. Quando lemos ou contamos um mito, por vezes, tiramos lições, reflexões e sabedorias, pois despertam os sentidos para além da consciência.

Partilhamos as lições da personagem mítica Mulher Maravilha⁴ como potencial recurso educativo que ensina sobre a inteireza humana por meio das narrativas leves e dinâmicas dos quadrinhos; uma fonte de imaginação e criatividade. Compartilhamos o imaginário simbólico da personagem como possibilidade didática para pensar o ensino para a compreensão mais plena e profunda, pelo pensamento amplo e complexo, a arte e a sabedoria. Segundo a nossa compreensão, a heroína opera pelo diálogo entre o prosaico e poético, o objetivo e o subjetivo, o sensível e o inteligível, revelando o impulso para a didática inventiva, o autoconhecimento e as raízes das virtudes mais humanas.

³Tanto para Edgar Morin (2005) quanto para Lévi-Strauss (2008), existem dois modos de pensar que despontam na mente humana: um mais aproximado às dimensões sensíveis, ajustado ao da percepção, da imaginação, da subjetividade; e outro deslocado, encurtado e quantitativo, objeto da ciência moderna. Sendo este último instituído como único pensamento válido, especialmente nas universidades brasileiras.

⁴Para o autor Robert Grennberger (2017), a Mulher Maravilha é uma super-heroína dos quadrinhos que possui uniforme, superpoderes e artefatos mágicos, porém o seu mito é muito mais profundo. Foi criada no ano de 1941 pelo psicólogo e roteirista norte-americano William Moulton Marston, sob o juramento de levar a paz, a sabedoria e os princípios femininos ao mundo dos homens. Atua pela complexidade simbólica e faz referência ao legado deixado pela mitologia grega a partir do mito das Amazonas, que se modifica e ressignifica a cada geração.

Neste trabalho, compartilhamos os conhecimentos obtidos durante o processo de apreensão vivenciado até aqui. Assinalamos a importância do pensamento complexo de Edgar Morin para um ensino que possa despertar a curiosidade e a articulação entre formas distintas dos saberes, propondo a possibilidade de trilhar o caminho mais desejoso pelo aluno: o do gosto e da curiosidade por aprender. Para isso, acentuamos a importância do mito em Claud Levi-Strauss (2008), seu potencial simbólico que orienta os sujeitos a reflexividade, a inferência de sentido aos fenômenos e a relevância educativa do mito da Mulher Maravilha como possibilidade didática para o ensino fecundo, a fim de gestar a sabedoria e instaurar a criatividade dos professores e alunos.

ARTE E ENSINO

De acordo com Edgar Morin (2015, p. 128), o ensino tem por missão básica e essencial “ensinar a conhecer o conhecimento” despertar o pensamento para a complexidade dos fenômenos e incitar à tessitura de ideias cada vez mais complexas. O ensino para o pensamento complexo trata-se do modo ampliado de compreensão da realidade, visto que reconhece a diversidade do pensamento, as incertezas da vida e a condição humana. Esse modo de percepção preconiza com uma prática docente comprometida com o autoconhecimento, autoanálise, enfim, a compreensão de si em relação ao mundo e ao outro. Conforme Morin, “[...] é necessário aprender a aprender, ou seja, aprender ao mesmo tempo separando e religando, analisando e sintetizando.” (MORIN, 2015, p. 128).

Para ao autor, podemos observar os grandes problemas do ensino que surge do reducionismo estéril do ato de pensar, do desligamento dos saberes e da fragmentação do conhecimento. Segundo Morin (2015), temos instaurado um modelo de ensino insuficiente que tem repellido as expressões subjetivas e afetivas dos alunos e a aptidão para fazer as conexões entre os conteúdos para que possam tirar as suas próprias impressões.

O autor aponta o aspecto tendencioso do ensino que se convencionou a seguir fielmente às teorias e sua disposição para transformá-las em doutrinas. Não se trata de refutar os conceitos e teorias, os saberes presentes, mas refletir sobre os conhecimentos adquiridos no âmbito escolar que, por vezes, se modificam e tornam-se obsoletos. Ele alerta para a necessidade de trabalhar para além do ensino dos conteúdos, esquivar-se do mecanicismo pedagógico, sendo que, para o autor, a missão do professor por excelência é a de despertar o fervor para a aprendizagem e a autorreflexão que promove o pensar por si.

Morin (2015) revela o ensino do pensamento complexo para promover o conhecimento capaz de compreender as dimensões fundamentais e globais que estão inscritas nos conhecimentos locais e parciais. É necessário ensinar estratégias que permitam o desenvolvimento da disposição natural da mente para relacionar as informações em seu contexto e em seus conjuntos revelando a profunda e complexidade da realidade.

A supremacia de um conhecimento fragmentado em disciplinas com frequência é iniciante para efetivar a ligação entre as partes e as totalidades e deve ceder lugar a um modo de conhecimento capaz de conceber os objetos em seus contextos, em seus complexos, em seus conjuntos. (MORIN, 2015, p. 100).

O domínio do pensamento complexo permite ultrapassar a confusão, o embaraço e as dificuldades de organizar o próprio pensamento. Morin propõe a reforma do pensamento, da educação e das instituições para transformar a tendência determinista, disjunta e redutiva que impede a disposição para o espírito frutífero, a religação entre as áreas dos saberes e o desenvolvimento do conhecimento pertinente.

O autor evidencia a inclusão do pensamento poético ao ensino, à arte, à literatura e à filosofia, adicionando as dimensões imaginárias e criativas ao ato educativo, já que essa disposição se encontra nas intenções humanas, nasce do entusiasmo dos indivíduos e dos relacionamentos afetivos entre os humanos e as coisas. Além disso, aparece nos aspectos reflexivos e intuitivos que vinculam conhecimento aos sentimentos, transcendendo a qualquer forma de reducionismo ou doutrinação que possa impedir uma visão globalizante dos processos.

O autor assinala a necessidade de aguçar as dimensões subjetivas do pensamento, apreciando igualmente os aspectos objetivos. Ele aponta para a necessidade de pensar num modelo de ensino mais atraente, que possa tocar o aluno, despertando seu interesse para desenvolver um pensamento alargado. Assim, a educação para a liberdade revela um conjunto de atitudes mentais que promove o desenvolvimento do pensamento autônomo e o senso de reflexividade nos estudantes.

A educação para a liberdade implica não apenas a familiaridade com os escritores, pensadores e filósofos, mas também o ensino do que significa liberdade: a liberdade de pensar é a liberdade de escolha diante das diversas opiniões, teorias, filosofia. A liberdade pessoal reside no grau de possibilidade de escolha nas ocorrências da vida. (MORIN, 2015, p. 51-52).

Dessa forma, o autor concebe a necessidade de empreender o ensino para a aspiração da liberdade, ou seja, a elevação do nível de escolha dos alunos para o desenvolvimento da autoconsciência, refletindo sobre suas ações e as implicações futuras. Enfim, o ensino que liberta a expressão da existência de todo o potencial imaginário contido da afetividade criativa que religa os muitos modos de pensar e que, sobretudo, possa alargar a percepção dos sujeitos.

Os humanos dispõem do pensamento mítico original para construir o mundo e o destino conferindo sentido e orientação à vida. O mito está para além da narrativa, atribuindo significado para a compreensão plena do mundo. Sendo assim, os mitos versam sobre a explicação da realidade de um modo muito profundo e natural. Explica o autor que “[...] no outro extremo, encontra-se os componentes mitológico e imaginário; incluo-me entre aqueles para quem o mito e o imaginário não representam uma simples estrutura, e muito menos uma ilusão, mas sim uma profunda realidade humana.” (MORIN, 2005, p. 42).

Para o autor, a imaginação e a afetividade humana estão vinculadas ao pensamento mítico: um modo de pensar que evoca sentido à vida aproximando natureza e homem, objetos e linguagem e convocando a reunião entre o pensamento prosaico e poético para compreensão significativa dos fenômenos. Daí surge também a arte decorrente desse mesmo potencial imaginário que opera na mesma dialógica (poesia e prosa), espalha-se na vida cotidiana e fornece vitalidade a essa mesma vida.

Educar a partir do conhecimento profundo dos mitos, da arte e do alargamento da filosofia é revelar condições para acender a imaginação, as ideias e o pensamento dos alunos. Ao nosso prisma, a reflexão mítica também aponta o ensino para o conhecimento transdisciplinar evidenciado por Morin em seu livro ‘A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento’ (2003):

No que concerne à transdisciplinaridade, trata-se frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, as vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de intermulti-transdisciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, cooperação; melhor, objeto comum; e, melhor ainda, projeto comum. (MORIN, 2003, p. 115).

O ensino pela complexidade, pelo saber transdisciplinar e imaginário criativo busca ressignificar os conteúdos a partir dos elementos essenciais da própria cultura, tendo as narrativas, as expressões das artes e a filosofia como possibilidades e caminhos para se ensinar sobre a condição humana, sobre os sujeitos fantásticos e reais e, sobretudo, para a compreensão da realidade através do olhar expandido e múltiplo.

Entendemos que uma pedagogia que se utiliza também dos mitos e da sua presença nas histórias em quadrinhos pode contribuir, por exemplo, para a expansão dos saberes e a ascensão da consciência que promove a aprendizagem para além dos conteúdos ligados à sabedoria. Basta que sejamos abertos a essa união notável entre o saber físico e mitológico para deixar o ensino se inspirar a um modo extremamente sofisticado de explicar o mundo.

Para Lévi-Strauss (2008), construímos formalmente um modelo deslocado, puro e simples de apreensão da realidade. Os objetos e fenômenos são simplificados e fragmentados para que sejam analisados e classificados a partir de um único ponto de vista. O pensamento científico costuma trabalhar por operações binárias, classificando os fatos entre falso e verdadeiro, a partir do viés racionalista quantitativo.

Conforme o autor destaca, aconteceu uma espécie de divórcio entre ciência e mitologia, uma tentativa racionalista de superar as dimensões sensíveis da mente. Daí propaga um reducionismo triste, porque, para demonstrar sua grandeza e superioridade na explicação da realidade, a ciência moderna afasta-se da diversidade do pensamento, da tendência afetiva e criativa. Já por meio da ciência do concreto, o homem aprende a organizar sua vida, passando a compreender o mundo por um duplo movimento entre real e mágico, sensível e inteligível, tirando as suas próprias lições.

Longe de serem, como muitas vezes se pretendeu, obra de uma "função fabuladora" que volta as costas à realidade, os mitos e os ritos oferecem como valor principal a ser preservado até hoje, de forma residual, modos de observação e de reflexão que foram (e sem dúvida permanecem) exatamente adaptados a descobertas de tipo determinado: as que a natureza autorizava, a partir da organização e dá exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível. Essa ciência do concreto devia ser, por essência, limitada a outros resultados além dos prometidos às ciências exatas e naturais, mas ela não foi menos científica, e seus resultados não foram menos reais. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 31).

A ciência do sensível, a ciência mítica apontada pelo autor parte de uma estrutura por meio da qual envolve a construção de um conjunto de reflexões que agem de modo muito plástico e dinâmico. A partir da aproximação sensível com determinado objeto, os sujeitos são capazes de construir um número diversificado de impressões. "O sistema mítico e as representações que proporciona servem, então, para estabelecer relações de homologia entre as condições naturais e as condições sociais ou, mais exatamente, para definir uma lei de equivalência entre contrastes significativos [...]" (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 109).

Nesse sentido, para ambos os autores, o mundo mítico com toda a sua diversidade denota ampla percepção para além do visível. Nasce da subjetividade em contato com o concreto e possui um sistema de relações (abstrata e concreta) capazes de elevar a consciência dos sujeitos, atribuindo sentido as coisas. Enfim, revela os aspectos imaginários como uma necessária experiência humana para objetivar-se, valendo dos mais diversos códigos e símbolos, a fim de expressar pensamentos e fazer indagações sobre a realidade.

LIÇÕES DA MULHER MARAVILHA

Conforme Lévi-Strauss (2008), aquilo que distingue o homem dos demais seres é a sua potencialidade simbólica e comunicativa. Os mitos são criados a partir da percepção afetiva, da aproximação com a natureza, dos elementos para referenciar e emitir sentido, a partir da experiência e da reflexão. Aparecem como um exemplo do pensamento dilatado, que liga o concreto ao fantástico emitindo significado à vida.

Para o autor, um mito é uma forma de pensamento que não pode ser medida ou classificada e nem mesmo comparada ao pensamento considerado lógico pela cultura. A lógica do concreto é construída a partir dos dados sensoriais da experiência, assim, o sujeito procura fazer a relação do específico com a totalidade projetando e imaginando o mundo de modo muito subjetivo.

Os mitos não podem ser estudados isoladamente: um mito é composto por centenas de variantes de narrativas tradicionais que passam de uma sociedade para outra e vão se transformando com as gerações dos povos. Lévi-Strauss aponta as vias que nos aproximam do entendimento da ciência mítica:

1) Um mito não deve ser jamais interpretado em um só nível. Não existe explicação privilegiada, pois todo mito consiste em relacionar vários níveis de explicação. 2) Um mito não deve jamais ser interpretado isoladamente, mas em sua relação com outros mitos, os quais, tomados conjuntamente, constituem um grupo de transformação. 3) Um grupo de mitos não deve jamais ser interpretado isoladamente, mas com referência: a) a outros grupos de mitos; b) à etnografia das sociedades donde provêm. Pois, se os mitos se transformam mutuamente, uma relação do mesmo tipo une, sobre um eixo transversal ao deles, os diferentes planos entre os quais evolui toda vida social, desde as formas de atividade técnicas econômicas até os sistemas de representação, passando pelos intercâmbios econômicos, as estruturas políticas, as práticas rituais e as crenças religiosas. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 75).

O autor assinala as dificuldades de fazer especulações gerais sobre os mitos, pois é preciso, antes de tudo, uma análise reflexiva para relacionar as narrativas às suas variantes e, de tal modo, esquivar-se de qualquer ideia preconcebida. A explicação do mito necessita passar pelas vias de referência apontadas pelo autor e acompanhar o contexto cultural da qual se origina, pois, as narrativas se transformam a partir da vida dos indivíduos e sua correspondência social.

Nessa mesma percepção, evidenciamos o mito da personagem Mulher Maravilha, que nos aparece de modo muito singular e reflexivo, por meio de suas replicações nas narrativas dos quadrinhos e por sua dimensão pedagógica. Ela é uma fonte mítica de sabedoria e criatividade reveladora das virtudes mais humanas e de modos sedutores de ensinar. Do nosso ponto de vista, um potencial recurso pedagógico. Mas, mais do que isso, uma possibilidade para fazer a religação

entre o pensamento prosaico e poético, o objetivo e o subjetivo, o sensível e o inteligível no ensino.

Por nossa ótica, vislumbramos a personagem por entre as ideias consones dos pensadores Claud Lévi-Strauss e Edgar Morin, que concebem o conhecimento na sua ampla dimensão, tendo como ponto de partida as ambiguidades e buscando a aproximação ou a reaproximação entre natureza e cultura, ciência e magia, pensamento prosaico e poético.

Concebemos a personagem Mulher Maravilha por sua alta complexidade, pelo potencial educativo e virtuoso, bem como, pela profundidade mítica. O autor norte-americano Robert Greenberger (2017) afirma que o legado da Mulher Maravilha alcança cada geração e o seu mito vai sendo reintroduzido e reinterpretado em muitas culturas. Nas palavras do autor:

Para os fãs, a Mulher Maravilha tornou mais do que uma personagem. Ela é a soma das muitas partes. Ela é uma amazona, uma super-heroína, uma embaixadora, uma espiã, uma guerreira. Personificação da verdade, defensora dos deuses e emissária da paz. Filha amorosa, amiga confiável, protetora inabalável e formidável inimiga. Ela é Diana princesa de Temiscira, Mulher Maravilha. (GREENBERGER, 2017, p. 10).

A Mulher Maravilha é a soma de muitas variáveis do mesmo mito que forma uma totalidade. Para o autor é uma reinterpretação do mito grego das Amazonas: uma raça de mulheres fortes e imortais, guerreiras astutas que habitavam a Ilha Paraíso. As Amazonas foram abençoadas com força e sabedoria pelos deuses e desenvolveram diversas habilidades, dentre elas, a arte da defesa, a sabedoria e o cuidado.

A princesa Diana de Temiscira, ou Mulher Maravilha, possui qualidades supra-humanas e virtudes de uma grande deusa. Sendo a primeira Amazona a ser conhecida como defensora da paz, está também destinada a transmitir a mensagem do amor ao mundo dos homens. O autor afirma ser possível tirar lições do mito das Amazonas como exemplo do bem viver, do desenvolvimento pessoal, do autoconhecimento, que podem ajudar os sujeitos a emergirem do cansado estado mecânico ao qual se encontram para a conexão aproximada com a sua própria natureza.

Conforme o autor, a Mulher Maravilha recebeu os dons dos deuses e tornou-se uma das mais poderosas heroínas de todos os tempos. Assinala que “[...] de Afrodite recebeu o amor e a beleza; de Atena, nascida da cabeça de Zeus, ganhou a sabedoria; do semideus Hércules, recebeu a incrível força e, finalmente, do deus Hermes, conhecido também como Mercúrio, herdou a velocidade e a invisibilidade.” (GREENBERGER, 2017, p. 38).

A história da Mulher Maravilha é a história da sua raça, ela tem início muito tempo atrás. Numa era de ouro. Quando belas e orgulhosas mulheres mais fortes que os homens regiam Amazônia e veneravam ardentemente a imortal Afrodite, deusa do amor e da beleza. Das glórias lendárias que as Amazonas dos dias de hoje ainda preservam em segredo, vem a Mulher Maravilha, a mais cativante e poderosa garota dos tempos modernos, a destemida moça que abriu mão de sua herança, da paz e felicidade para ajudar a combater o mal e a violência. (GREENBERGER, 2017, p. 40).

As características presentes na personagem surgem do mito heroico das Amazonas e alcança a identidade humana como exemplo de uma mulher forte, compassiva e empática, aquela que ensina sobre a abertura ao outro, o cuidado e o amor. Apesar de se resguardar individualmente, identifica-se tão fortemente com a humanidade a ponto de desenvolver

sentimentos intensos de solidariedade e responsabilidade. Podemos perceber facilmente o senso de compaixão e as atitudes altruístas em diversas aventuras da heroína, mas, principalmente, pelo modo incansável de salvar e resgatar as pessoas quando dela precisam.

No livro “A psicologia da Mulher Maravilha”, as autoras Travis Langley e Mara Wood (2018) revelam a personagem como sendo uma ponte mítica que liga os sujeitos à própria condição humana. Segundo as autoras, é necessário conceber a natureza ambígua da Mulher Maravilha, pois sendo uma criação dos deuses, detentora de poderes mágicos e imortalidade é também uma personagem aproximadamente humana. Ademais, o seu comportamento denota o paradoxo de admitir-se como embaixadora da paz e, ao mesmo tempo, guerreira Amazona.

Conforme as autoras, podemos perceber um nível de complexidade na personagem e, dessa forma, visualizar a sua facilidade em tolerar as contingências da própria realidade. Passou a desenvolver uma forte ligação com a humanidade, vivendo voluntariamente a condição humana. Seu principal objetivo é ensinar os humanos a viverem de forma reflexiva e prudente, bem como, encontrarem as raízes da benevolência, nem que para isso seja preciso arriscar a sua própria imortalidade e a condição de heroína.

A capacidade da Mulher Maravilha de administrar uma grande autocomplexidade permite que ela encare quaisquer ameaças do seu autoconceito melhor do que indivíduos que abrigam autoconceitos menos complexos. Além disso, a convicção moral da Mulher Maravilha em proteger vidas inocentes a todo custo lhe dá a força para sacrificar seu próprio bem estar em prol das pessoas que deseja proteger [...]. (LANGLEY; WOOD, 2018, p. 218).

Travis Langley e Mara Wood apontam a heroína como um mito virtuoso a ser seguido que inspira a atitudes e comportamentos afetivos. Pois, para as autoras, Willian Moulton Marston, seu criador, identificou a ausência dos princípios femininos nos sujeitos e na sociedade, bem como os desvios de comportamento ético e a carência dos princípios de justiça. A Mulher Maravilha aparece como um espelho que reflete as virtudes humanas, por vezes, esquecidas como, por exemplo, a compaixão, a sabedoria, o discernimento, a motivação e a criatividade, bem como ensina os processos de tomada de decisão, o autoexame moral e a capacidade de reflexividade.

A convicção moral da Mulher Maravilha concentra em proteger vidas inocentes, independentemente dos custos físicos ou sociais (tais como ameaças à sua amizade com o Batman e Super-Homem ou o risco de potenciais punições jurídicas). A Mulher Maravilha não se arrepende de fazer escolhas difíceis. Ela mesma encoraja as Amazonas a se manterem longe do reino mortal para protegê-las da destruição [...]. (LANGLEY, WOOD, 2018, p. 214).

Na personagem mítica Mulher Maravilha, percebemos virtudes que podem, muitas vezes, estar ausentes do contexto pedagógico como a reflexão, a compreensão e a autoconsciência. Uma possibilidade simbólica para pensar o ensino para o alargamento dos sentidos, despertar os pensamentos mais ocultos dos professores e dos alunos, relacionados à arte, à filosofia e à literatura. Pretende simbolizar modos de ensinar sedutores, que permitem acionar as extensões mitológicas da mente e despertar a sabedoria profunda dos sujeitos. E quiçá, promover a religação entre os pensamentos (prosaico e poético) e a reflexão sobre a compreensão de mundo e dimensão de sujeito.

Ao nosso prisma, o mito da Mulher Maravilha aguça a criatividade pedagógica, por meio das ferramentas possíveis, como aos contos míticos, as narrativas, a reflexão filosófica, a literatura em quadrinhos que pode ajudar os alunos na compreensão dos conteúdos e valores inerentes à condição humana. Visualizamos a personagem como uma reinterpretação do mito amoroso e fecundo, que possibilita aos professores pensar o ensino para a compreensão mais plena acionando a dimensão sensível e simbólica para o reconhecimento da diversidade do ato de pensar.

É nesse sentido que Morin, mais uma vez, evidencia a necessidade do ensino pelas artes para promover o desenvolvimento da inteligência geral, a autoconsciência e favorecer a autonomia do espírito. Uma abertura às artes, bem como à filosofia, requer a criação de estratégias que possam considerar os conteúdos nos seus conjuntos, revelar as potencialidades dos alunos na condição complexa do pensamento para que os mesmos sejam capazes de autoconsiderar-se e perceber o mundo também poeticamente. “A arte é hoje indispensável para a descoberta científica, e será cada vez mais indispensável para a ciência, visto que o sujeito, suas qualidades, suas estratégias, terão nela um papel cada vez mais reconhecido e cada vez maior.” (MORIN, 2004, p. 32).

Conforme o autor, a arte é condição indispensável para o ensino por sua abrangência, condição polidisciplinar e dimensão profunda. Emprega a arte como estratégia, pilotagem e reflexividade, que conduzem os sujeitos à compreensão por uma realidade objetiva relacionada às experiências subjetivas. Isso implica dizer que o aspecto amplo da arte revela os fenômenos por sua complexidade. O ensino pelas artes pode relacionar as produções poéticas às situações cotidianas do aluno por meio dos elementos que afetam a sua subjetividade.

O autor assinala ser necessário que os educadores reconheçam as potencialidades criativas e imaginárias dos alunos para ultrapassar o programa estático de ensino. Isso significa ascender o vigor fecundo dos estudantes, ensinar o conhecimento complexo fundamentado na compreensão amplificada, no desenvolvimento e na aquisição dos conhecimentos filosóficos, da arte, da literatura e de toda organização dos saberes complementares.

Por essa perspectiva enxergamos na Mulher Maravilha a recriação do mito profundo da criatividade que avança como uma paixão criadora e que pode operar como a fonte inventiva necessária para possibilitar a reflexão das estratégias de ensino. Assim, a personagem nos aparece como uma influência complexa que revela limites da educação formal e aponta para a possibilidade da autoformação e o retorno ao desenvolvimento criativo no ensino.

Pelo exposto, entendemos que a organização dos conhecimentos no âmbito do pensamento complexo e da arte no ensino pressupõe a abertura para fazer a religação do pensamento, reunir os saberes científico e humanista, despertar as capacidades imaginárias dos docentes e discentes, além de fazer as ligações humanas e virtuosas. Enfim, ensinar aos estudantes a sofisticada realidade da vida pela perspectiva do pensamento poético, sem desviar do prosaico, que orienta para a ampliação do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os professores se encontram em situação de apatia ou desânimo frente aos problemas do ensino, a heroína Mulher Maravilha pode simbolizar a força propulsora que possibilita o desenvolvimento da atitude filosófica para analisar a sociedade humana em sua complexidade, os saberes e valores instituídos, a vida em comunidade e a percepção de educação formal, podendo eles mesmos despertarem tal atitude em seus alunos.

Estes elementos obtidos por meio da pesquisa em curso refletem a necessidade de olhares expandidos sobre o ambiente formal de ensino, no sentido de incentivar os professores a pensarem outras possibilidades de ensinar para a recriação de ideias e para a vida. A Mulher Maravilha é uma personagem que favorece a aprendizagem mais plena da nossa consciência, aquela sobre as mensagens essenciais da natureza humana. Ela sugere os motivos que levam à sabedoria, porque opera simbolicamente no sentido de ensinar a iniciativa criativa, a intuição e a inteligência.

A heroína mítica Mulher Maravilha pode promover a abertura do pensamento dos educadores para a arte no ensino, a ampliação estratégica. As narrativas míticas e suas ramificações simbólicas, pela natureza poética, se utilizadas eficazmente como recurso em sala de aula, pressupõem a religação do pensamento, o entrelaçamento entre o real e o imaginário, podendo incentivar os alunos para a aprendizagem afetiva.

O retorno ao mito pode acionar a ação sensível do professor para promover a ressignificação mítica por parte dos alunos. É um grande chamado para aguçar a imaginação, incitar e alimentar a curiosidade dos estudantes. Ademais, o mito no ensino convoca os sujeitos a entenderem sobre a vida humana, os valores e a cultura dos povos. O ensino pelos mitos consentirá, sobretudo, a educação para a compreensão humana, que ensina os princípios de responsabilidade e solidariedade para que possamos aprender a viver em regime de cooperação.

O caminho que liga o mito ao ensino é o mesmo que faz o retorno às artes, na percepção não menos mitológica e, por isso, dinâmica e complexa do nosso pensamento. Trilha pela retomada as narrativas, as histórias, a estética e as reflexões filosóficas, mas, certamente, instala-se a partir da sensibilidade dos docentes, na capacidade de perceber as expressões afetivas dos alunos e transmitir o ensino vivo, operando pelo modo interpretativo dos mitos que permitirá a fertilidade educativa.

REFERÊNCIAS

GREENBERGER, Robert. **Mulher Marvilha**: amazona, heroína, ícone. Trad. Dandara Plankof. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

LANGLEY, Travis; WOOD Mara. **A psicologia da mulher maravilha**: descubra as virtudes da maior heroína que conhecemos. Trad. Amanda Moura. – São Paulo: Única, 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claud. **O pensamento selvagem**. 8ª ed. Trad. Tânia Pelegrinni. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____, **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2004.

_____, **Amor, poesia e sabedoria**. 7ª ed. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Amor-poesia-sabedoria.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____, **Ensinar a viver**: Um manifesto para mudar a educação. Trad. Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Submetido em: agosto de 2021

Aprovado em: novembro de 2021